

A TRANSFORMAÇÃO DOS JUSTOS NA PAROUSIA

*Alan Rennê Alexandrino Lima**

RESUMO

Este artigo discorre sobre o que acontecerá àqueles que estiverem vivos por ocasião da Segunda Vinda de Jesus Cristo. A grande discussão gira em torno da natureza da transformação que terá lugar nas vidas dos salvos que não serão alvo da ressurreição, visto que não passarão pela morte, quando da Parousia. Inicialmente, é feito um exame daquilo que o Antigo Testamento traz em seu escopo como ideia de uma transformação futura. Também recebe atenção o período intertestamentário, no qual se verifica a inexistência de uma doutrina comum a este respeito. Em seguida, procede-se com a análise de textos neotestamentários, com ênfase nas passagens paulinas de 1Coríntios 15.50-54 e 2Coríntios 5.1-5. A transfiguração de Jesus também recebe tratamento, em razão de a mesma poder servir como uma manifestação proléptica da transformação que os salvos sofrerão no porvir. Após a análise das passagens se discute a necessidade dessa transformação, bem como a sua natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Escatologia; Glorificação; Parousia; Transformação; Revestimento; Transfiguração; Aperfeiçoamento.

INTRODUÇÃO

Normalmente, a glorificação é entendida como sendo o último estágio da *Ordo salutis*. John Murray coloca a questão dizendo que “a glorificação é

* O autor está cursando o *Sacrae Theologiae Magister (STM)* no CPAJ, com área de concentração em estudos históricos e teológicos e linha de pesquisa em teologia sistemática. É bacharel em teologia pelo Seminário Teológico do Nordeste (Teresina – PI) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo). É professor-visitante de teologia sistemática no Seminário Presbiteriano do Norte (Recife) e orientador na Faculdade Internacional de Teologia Reformada (FITRef). É pastor-efetivo na Igreja Presbiteriana do Cruzeiro do Anil, em São Luís – MA.

a fase final da aplicação da redenção. É a conclusão do processo que tem seu início no chamado eficaz. Na verdade, é a conclusão de todo o processo de redenção”.¹ Com isso em mente, entende-se que a glorificação abrange tanto a ressurreição dos santos falecidos quanto a transformação dos justos que estiverem vivos por ocasião do Segundo Advento de Jesus Cristo. Ela tem em vista “a destruição da própria morte”.²

É interessante como a ressurreição dos justos recebe bastante ênfase por parte dos teólogos. Richard B. Gaffin, Jr., por exemplo, intitulou a primeira edição da sua obra *Resurrection and Redemption: A Study in Paul's Soteriology* como “The Centrality of the Resurrection”. O livro aborda a relação existente entre a ressurreição de Jesus e a ressurreição dos crentes, tanto no passado – quando receberam a nova vida espiritual – quanto no futuro – por ocasião da Parousia.³ Questiona-se, então, a razão do aparente ostracismo da transformação dos justos que ainda viverem por ocasião do Segundo Advento. O que acontece, na verdade, é que existe uma íntima associação ontológica entre a ressurreição dos santos e a transformação dos vivos, em razão de que ambas objetivam o mesmo resultado, a saber, a glorificação do crente. O Dr. Gaffin deixa isso claro ao afirmar o seguinte:

Passagens como 1Coríntios 15.42ss e 2Coríntios 3.17ss; 4.4-6, bem como a genética associação de glória com o Espírito, mostram que a transformação pneumática experimentada na ressurreição de Cristo envolve a investidura final e definitiva de sua pessoa com glória. A união orgânica entre esse aspecto da ressurreição e a experiência dos crentes emerge na sequência do pensamento desenvolvido em Romanos 8.29: a glorificação, que permanece como o fim, é a realização do objetivo predestinado, conformidade à imagem de Cristo. A imagem de Cristo é especificamente a imagem do Cristo ressurreto (cf. esp. 1Co 15.49). De acordo com isso, a implicação evidente é que o que Cristo é por virtude da sua ressurreição, os crentes o serão na sua ressurreição; como a ressurreição de Cristo é a sua glorificação, a ressurreição dos crentes será a sua glorificação.⁴

Não é impossível ver a transformação como análoga à ressurreição, visto que Cristo transformará o crente de tal maneira que o seu corpo estará

¹ MURRAY, John. *Redenção consumada e aplicada*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 155.

² Ibid., p. 156.

³ O segundo capítulo tem como título: “The Resurrection of Christ and the Past Resurrection of the Believer”, e analisa as seguintes passagens: Ef 2.5-6; Cl 2.12-13; 3.1; Rm 6.3ss e Gl 2.19-20. Já o capítulo anterior labora sob o seguinte título: “The Resurrection of Christ and the Future Resurrection of Believers”, examinando os seguintes textos: 1Co 15.20ss; Cl 1.18; 1Co 15.12-19 e 2Co 4.14. Cf. GAFFIN, Richard B. *Resurrection and Redemption: A Study in Paul's Soteriology*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1987, p. 33-53.

⁴ Ibid., p. 126. Minha tradução.

em conformidade com o corpo do Cristo ressurreto, um corpo descrito expressamente como o corpo da sua glória (2Co 3.18). O resultado será que tudo o que acontecer ao corpo daqueles que forem ressuscitados também terá lugar no corpo daqueles que estiverem vivos.

O objetivo do presente trabalho é proceder com uma análise bíblico-teológica a respeito da natureza dessa transformação a ser experimentada por aqueles que não precisarão passar pela experiência da morte física, mas que, em vez disso, estarão vivos por ocasião do retorno glorioso de Cristo. Na primeira parte será considerada a ideia geral de transformação nas Escrituras e sua importância teológica. Na segunda parte serão abordadas duas passagens centrais para o assunto (1Co 15.50-54 e 2Co 5.1-5). Tal abordagem terá por objetivo definir a natureza dessa transformação e sua necessidade.

1. A IDEIA DE TRANSFORMAÇÃO

É importante que se compreenda que o ensino a respeito da transformação do corpo dos justos que estiverem vivos na Parousia não é uma novidade teológica neotestamentária. Quando o apóstolo Paulo falou a respeito desse assunto em 1Coríntios 15, 2Coríntios 5, Filipenses 3 e 1Tessalonicenses 4, ele já estava imbuído de informações bíblicas e não-bíblicas. A presente investigação da ideia de transformação laborará sobre o Antigo Testamento, o período intertestamentário, a transfiguração de Jesus e os ensinamentos explícitos do apóstolo Paulo.

1.1 *Transformação no Antigo Testamento*

O erudito Donald Guthrie alerta para o fato de que “deve ser admitido que o Antigo Testamento é esparso em seus detalhes a respeito da vida após a morte e especialmente sobre o assunto da transformação”.⁵ De acordo com ele, muitos estudiosos erroneamente consideram que a única afirmação sobre esse tema em todo o Antigo Testamento se encontra em Daniel 12.2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e horror eterno”. Embora não existam detalhes a respeito do que está envolvido na ressurreição, pode-se perceber aqui alguma indicação de uma mudança radical, visto que os justos despertarão do pó para a vida eterna. Isso sugere que haverá uma transformação, indo da corruptibilidade para a incorruptibilidade.

Existem outras passagens veterotestamentárias que, embrionariamente, trazem a ideia de uma transformação radical a ser experimentada pelos justos. Jó 19.25-27 é um exemplo claro disso:

⁵ GUTHRIE, Donald. Transformation and the Parousia. *Vox Evangelica*, n. 14, 1984, p. 40. Minha tradução.

Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra.
Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.
 Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim. (Ênfase acrescentada)

Michael Horton chama a atenção para isso ao asseverar: “É notável que Jó desejava estar na presença de Deus com a mesma carne que estava sendo assolada pela dor e enfermidade”.⁶ A tradução Revista e Atualizada dificulta o entendimento da passagem. O verbo פָּקַד, usado no piel, significa “pôr abaixo” ou “cortado fora”.⁷ Nesse sentido, a versão Revista e Corrigida se aproxima mais do original hebraico: “E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus”. A ideia transmitida é a de um corpo consumido pelas feridas e pronto para ser devorado pelos vermes.⁸ Sendo assim, Jó tem plena confiança de que, mesmo após o seu corpo ser consumido, com esse mesmo corpo ele contemplará o seu Redentor. A ideia de transformação está implícita em Jó 19.25-27, visto que, para que o corpo consumido pelas feridas e devorado pelos vermes pudesse ver o Redentor, seria necessário que ele sofresse algum tipo de transformação, ou mesmo um revestimento, o que parece ser o pressuposto da tradução Revista e Atualizada. Este é o entendimento dos eruditos Keil e Delitzsch, apesar de deixarem a questão em aberto:

Portanto, o versículo 26a, de acordo com o uso das línguas semíticas, só pode ser entendido como a destruição completa da pele, que se torna rachada e partida pela lepra, e este foi, por assim dizer, o assunto discutido anteriormente (v. 20; comp. com 30.19). Para o presente deixamos em aberto a questão se Jó está aqui confessando a esperança da ressurreição, ou se está apenas repelindo o que seriam equívocos forçados a respeito das suas palavras, que arbitrariamente discernem esperança no texto. Livre de violência é a tradução: E depois disso minha pele é destruída, isto é, depois deixarei este meu corpo, e da minha pele (isto é, restaurada e transfigurada) eu verei a Deus.⁹

1.2 Transformação no período intertestamentário

Embora os judeus do período intertestamentário tivessem desenvolvido a consciência da vida após a morte, Guthrie salienta que entre eles não existia

⁶ HORTON, Michael. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011, p. 915.

⁷ FISHER, Milton C. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 1001.

⁸ POOLE, Matthew. *A Commentary on the Holy Bible: Genesis to Job*, v. 1. Peabody, MA: Hendrickson, 2010, p. 969.

⁹ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. *Commentary On the Old Testament in Ten Volumes: Job*, v. 4. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1991, p. 359. Minha tradução.

uma doutrina comum.¹⁰ Havia tanto a ideia grega da imortalidade da alma à parte da ressurreição do corpo como também a crença da sobrevivência da pessoa como um todo, incluindo a ressurreição do corpo.

O estudioso H. C. C. Cavallin, em sua obra *Life after Death*, que aborda o argumento paulino em 1 Coríntios 15 para a ressurreição dos mortos, fornece uma valiosa pesquisa acerca da opinião dos judeus no período entre 200 a.C. e 100 d.C. a respeito da imortalidade da alma e da ressurreição dos mortos. Ele afirma que

Na literatura judaica desse período abundavam declarações sobre a imortalidade da alma; as que excluem a ressurreição do corpo são quase tão comuns como as que explicitamente afirmam a ressurreição do corpo; e a mesma proporção existe em relação a declarações sobre a vida da alma após a morte sem a exclusão do corpo e textos que afirmam a ressurreição sem nenhuma referência explícita ao corpo.¹¹

Donald Guthrie salienta que durante o período intertestamentário existiam

... algumas diferenças de ênfase entre os textos da Diáspora palestina e grega. Nos da primeira, não existe suporte para a noção grega de imortalidade. Nos da última existe uma forte evidência da infiltração de ideias gregas em círculos judaicos.¹²

Ainda assim, de acordo com ele, as várias referências à ressurreição nos textos da Diáspora mostram que a mente judaica não abria mão tão facilmente da ideia de uma transformação do corpo na vida futura.¹³

Nos tempos do Novo Testamento é sabido que os fariseus criam firmemente na ressurreição do corpo, ao passo que os saduceus negavam essa visão. “O assunto em si era claramente um tema do debate contemporâneo no mundo judaico do primeiro século, e isso explica a tentativa dos saduceus de confundir Jesus (Mt 22.23-33)”.¹⁴ Certamente esse debate não havia surgido em anos recentes. Antes, ele remontava aos séculos anteriores. O entendimento dos saduceus era de que não existiria nenhuma ressurreição e, assim, nenhuma transformação do corpo.

¹⁰ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 40.

¹¹ CAVALLIN, H. C. C. *Life after Death: Paul's Argument for the Resurrection of the Dead in 1 Corinthians 15*, p. 200. In: HARRIS, Murray. Resurrection and Immortality: Eight Theses. *Themelios*, v. 1, n. 2, 1976, p. 52. Minha tradução.

¹² GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 40. Minha tradução.

¹³ Ibid., p. 41. Minha tradução.

¹⁴ Ibid.

1.3 A transfiguração de Jesus

Geralmente a transfiguração é vista como sendo um simples vislumbre da divindade de Jesus Cristo ou como parte do cumprimento da sua missão. Porém, como destaca Gerald Bray: “Jesus não foi transfigurado com o objetivo de cumprir sua missão aqui e ali, *mas para conceder aos discípulos uma imagem da vida futura*”.¹⁵ Sendo assim, a transfiguração possui enorme relevância para a compreensão da transformação que ocorrerá, por ocasião do Segundo Advento, nos corpos dos justos que estiverem vivos. Guthrie confirma isso ao afirmar que “uma transformação notável aconteceu com uma pessoa viva e isso possui considerável relevância para a transformação daqueles que ainda estarão vivos na Parousia”.¹⁶ O estudioso do Novo Testamento Thomas R. Schreiner entende que uma das funções do episódio da transfiguração é servir como “uma antecipação proléptica do retorno de Cristo, quando terá início o dia do julgamento e quando os escarnecedores serão destruídos”.¹⁷

É de singular importância que em Mateus 17.2 e Marcos 9.2 os evangelistas usem o verbo μεταμορφώω para falar da transfiguração. Essa palavra é empregada apenas quatro vezes em todo o Novo Testamento e possui como significado básico “uma mudança de forma e não apenas uma mudança de aparência”.¹⁸ R. C. Sproul, ao analisar o verbo, diz o seguinte: “O substantivo, do qual se deriva o verbo usado aqui, descreve uma forma em sua essência e não uma mera máscara ou aparência temporária”.¹⁹

Em 2Pedro 1.16-18 a transfiguração é claramente conectada à segunda vinda de Jesus:

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda (παρουσία) de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade, pois ele recebeu, da parte de Deus Pai, honra e glória, quando pela Glória Excelsa lhe foi enviada a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo. Ora, esta voz, vinda do céu, nós a ouvimos quando estávamos com ele no monte santo.

No versículo 18, o evento aludido é claramente a transfiguração. Pedro estabelece uma nítida conexão entre esse evento e a Parousia. Donald MacLeod

¹⁵ BRAY, Gerald. *Quem é Jesus?* São Paulo: Shedd, 2008, p. 69. Ênfase acrescentada.

¹⁶ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 41. É importante destacar que, em 1942, o estudioso G. H. Boobyer, em sua obra *St. Mark and the Transfiguration Story*, “viu a transfiguração como prenúncio da parusia”. Cf. LIEFELD, W. L. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 2550.

¹⁷ SCHREINER, Thomas R. *New Testament Theology: Magnifying God in Christ*. Nottingham, UK: Apollos, 2008, p. 115.

¹⁸ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 41. O *Thayer's Greek Lexicon* fala de uma simples transformação da aparência.

¹⁹ SPROUL, R. C. *A glória de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 104.

diz que Pedro “discorre sobre a esperança da *parousia* a partir do fato da transfiguração”.²⁰

No que tange à sua relação com a transformação que ocorrerá na Parousia, deve-se notar que, a transfiguração, ou seja, a transformação da forma de Cristo, não se deu de modo gradual e processual. Antes, foi instantânea e pôde ser testemunhada pelos discípulos presentes. De acordo com Guthrie, “isso fornece um sinalizador para a forma dos vivos na Parousia”.²¹ E mais: “Se há alguma ligação entre a transformação e a Parousia, podemos deduzir que uma mudança imediata é vista como sendo apropriada para a glorificação”.²²

Isto posto, não é absurdo ver a transfiguração como proléptica da transformação que os santos vivos experimentarão futuramente. MacLeod assevera de forma extraordinária:

A transfiguração ainda fala, porque expõe não somente a glória eternamente possuída pelo Senhor, e não somente a glória à qual ele, como Mediador encarnado, estava destinado, mas também a glória de seu povo [...] A transfiguração mostrou não somente o que ele se tornaria, mas o que *nós* nos tornaríamos. O Novo Testamento faz esta relação explicitamente. Nós devemos estar onde ele está (Jo 17.24). Nossos corpos devem ser conformados exatamente ao seu (Fp 3.21). Nós, nele, devemos partilhar da natureza divina (2Pe 1.4). Para Jesus no Monte, essa visão do que está além da cruz, não somente para ele próprio, mas para seu povo, foi um encorajamento imensurável.²³

2. A TRANSFORMAÇÃO NOS TEXTOS PAULINOS

O apóstolo Paulo falou sobre a Parousia de forma explícita em três passagens (1Co 15.50-54; Fp 3.20,21 e 1Ts 4.13-18). Receberá atenção direta no presente trabalho a primeira dessas passagens. Além dela, 2Coríntios 5.1-5 será alvo de análise a fim de se estabelecer se a mesma trata da transformação que ocorrerá por ocasião do retorno de Jesus Cristo.

2.1 *Coríntios 15.50-54*

O capítulo 15 da primeira epístola canônica de Paulo à igreja de Corinto “é o mais extenso discurso do Novo Testamento sobre a ressurreição”.²⁴ Nele, o apóstolo Paulo aborda uma dificuldade existente entre alguns membros da igreja local, que possuíam sérias dúvidas quanto à ressurreição dos mortos. Há indicações de que alguns membros afirmavam que não existia ressurreição de

²⁰ MACLEOD, Donald. *A pessoa de Cristo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 108.

²¹ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 41.

²² Ibid.

²³ MACLEOD, *A pessoa de Cristo*, p. 113.

²⁴ COOPER, John W. *Body, Soul & Life Everlasting: Biblical Anthropology and the Monism-Dualism Debate*. 3. ed. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000, p. 139.

mortos: “Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos?” (v. 12). Para tratar dessa problemática, Paulo divide a sua resposta em três partes. Na primeira parte (vv. 1-11), ele lança como base a ressurreição do Senhor Jesus Cristo.²⁵ O fundamento de toda a esperança cristã está no fato de o próprio Jesus ter ressuscitado dentre os mortos. Na segunda parte (vv. 12-34), o apóstolo discorre sobre “o que para ele eram duas posições contraditórias (crer na ressurreição de Cristo e negar a sua própria) e se prepara para demonstrar suas consequências lógicas, porém absurdas”.²⁶ Na terceira e última parte (vv. 35-49), ele passa a considerar o modo como os mortos ressuscitam. De acordo com Gordon D. Fee, a resposta dada pelo apóstolo Paulo é que os mortos ressuscitam “corporalmente, mas num corpo adaptado às novas condições do futuro”.²⁷

De acordo com Paulo, existirá continuidade e descontinuidade entre o presente corpo e o futuro. Aquele é terreno, natural, sujeito à corrupção. Já o corpo ressurreto é celestial, espiritual e incorruptível. “O resultado final, portanto, é uma gloriosa ressurreição-transformação de ambos, mortos e vivos, em que o inimigo final, a morte, é tragado pela vitória”.²⁸

Existem indicações no próprio texto de que o maior problema que alguns coríntios tinham quanto à ressurreição dizia respeito à ressurreição corporal: “Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?” (v. 35). As constantes referências de Paulo ao corpo espiritual, a partir do versículo 36, indicam a existência de uma dificuldade quanto a isso. A resposta de Paulo é: “um corpo transformado, no qual o que é perecível e mortal é revestido com a imperecibilidade e imortalidade”.²⁹ Disso segue que a ênfase do apóstolo não é na ressurreição em si mesma, mas sim na necessidade de transformação.

Isso é confirmado pelo versículo 50: “Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção”. Com essas palavras Paulo não está dizendo que os seres humanos, por serem pecadores, não poderão herdar o reino de Deus. A referência é àquilo que, no presente estado, é corruptível, perecível. Não se trata de uma referência ao corpo pecaminoso, como imaginavam alguns Pais da Igreja.³⁰ Por “carne

²⁵ FEE, Gordon D. *The First Epistle to the Corinthians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1987, p. 714.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid., p. 797.

³⁰ Novaciano, o Antipapa, na sua obra *De Trinitate*, afirmou o seguinte: “Isso não significa que a substância da nossa carne foi condenada. Pelo contrário, apenas que a culpa da carne é censurada, a culpa que foi causada pela rebelião humana deliberada e imprudente contra as reivindicações da lei divina”. Ambrosiaster interpretou a expressão “carne e sangue” da seguinte forma: “Por ‘carne’ Paulo quer dizer a desobediência, e por ‘sangue’ ele quer dizer a vida má e perversa”. João Crisóstomo, em suas homilias

e sangue” (σὰρξ καὶ αἷμα), ele está se referindo à atual constituição do corpo humano. O comentário de Simon Kistemaker é elucidativo: “Paulo está dizendo que o corpo mortal em seu estado atual não pode entrar na presença de Deus. Somente na transformação, quando Deus cumprir a sua promessa em relação a todos os santos, os redimidos herdarão o reino de Deus”.³¹ Considere a longa, porém, formidável assertiva de Charles Hodge:

Carne e sangue significa nosso corpo como agora constituído, não a natureza humana pecaminosa. A expressão nunca tem esse último sentido. Em Hebreus 2.14 se diz: “Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele (Cristo), igualmente, participou” [...] Sem dúvida é verdadeiro que a nossa natureza não-santificada, ou nosso homem não-renovado, não pode herdar o reino de Deus. Mas não é sobre isso que o apóstolo está falando. Ele está falando sobre o corpo e o seu estado após a ressurreição. É a respeito do corpo como agora constituído que ele diz *não poder herdar o reino do céu*, isto é, o reino de Cristo [...] A mesma ideia é repetida na próxima cláusula em termos abstratos e como uma proposição geral: *nem corrupção herdar incorrupção*. O mortal não pode ser imortal; o perecível imperecível. Incorrupção não pode ser um atributo da corrupção. Se nossos corpos, portanto, serão imortais e imperecíveis, eles precisam ser mudados.³²

Gordon Fee também faz um comentário valioso:

A preocupação do argumento de Paulo é com a natureza do corpo que os crentes assumirão na ressurreição. O contraste criado, entretanto, não é entre os cadáveres dos mortos e seus corpos reanimados, mas entre os corpos em sua presente expressão terrena frente à sua transformação na semelhança do corpo glorificado de Cristo. Então, ele afirmou (v. 50) que o corpo, *na sua forma atual*, “não pode herdar o reino”. Mesmo que isso ainda se refira ao corpo “que é semeado”, a consequência lógica é que o que é verdadeiro a respeito dos mortos é igualmente verdadeiro a respeito dos vivos.³³

Tendo entendido que não se trata da carne humana pecaminosa, a conclusão óbvia é que “deve acontecer uma transformação na carne e no sangue”³⁴ para que alguém possa herdar o reino dos céus.

sobre 1Coríntios, disse o seguinte: “Por ‘carne’ Paulo quer dizer as más obras intencionais. O corpo, em si mesmo, não é o obstáculo; antes, é por causa da nossa maldade que não podemos herdar o reino de Deus”. Cf. BRAY, Gerald (Ed.). *Ancient Christian Commentary on Scripture: 1-2 Corinthians*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999, p. 177.

³¹ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 806.

³² HODGE, Charles. *1&2 Corinthians*. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 2000, p. 353.

³³ FEE, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 799.

³⁴ GUTHRIE, *Transformation and Parousia*, p. 45.

Isto posto, o apóstolo Paulo faz, então, a revelação de um *mistério*: “Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos” (v. 51). O termo grego *μυστήριον* significa “matéria cujo conhecimento exige iniciação; mistério secreto que assim permaneceria a não ser que houvesse revelação”.³⁵ Além de sanar as dúvidas dos coríntios a respeito do corpo ressuscitado, Paulo traz a eles a revelação de algo até então inimaginável. Hodge afirma que um *μυστήριον* é “algo revelado que não poderia ser conhecido de outra maneira”.³⁶ Esse “mistério” é uma revelação divina.

Ele inicia a enunciação do mistério, dizendo: “nem todos dormiremos”.³⁷ Paulo usa um verbo como eufemismo para falar da morte. O verbo *κοιμάομαι* significa “aquietar-se para dormir, cair no sono, ser adormecido”.³⁸ O que ele está dizendo, na verdade, é que algumas pessoas não passarão pela experiência da morte física. Como conciliar essa afirmação paulina com Hebreus 9.27: “E, assim como aos homens *está ordenado* morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo”? A morte não seria uma ordenação para todos os homens? A resposta para esse questionamento pode ser extraída a partir da afirmação final do versículo 54 de 1Coríntios 15: “Tragada foi a morte pela vitória”. A morte foi derrotada pela morte de Cristo, que, ao experimentar a morte física, também agiu como substituto do seu povo. Por essa razão, a morte física não é uma obrigação para os santos que se encontrarem vivos na Parousia, visto que Cristo já morreu a morte deles. Aqui Paulo “reconhece que a Parousia significa a morte da morte”.³⁹

Enquanto um grupo não passará pela experiência da morte física, tanto os mortos como os que estiverem vivos experimentarão uma transformação radical em seus corpos: “mas transformados seremos todos”. Se, por um lado, nem todas as pessoas passarão pela morte, por outro lado, todas elas experimentarão uma transformação em seu ser. Matthew Poole faz o seguinte comentário:

³⁵ MOULTON, Harold K. *Léxico grego analítico*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 285.

³⁶ HODGE, *1&2 Corinthians*, p. 354.

³⁷ Há no texto grego uma questão gramatical da máxima importância. A redação é a seguinte: πάντες οὐ κοιμηθήσόμεθα. A partícula negativa οὐ está conectada ao verbo κοιμηθήσόμεθα. Hodge afirma que muitos comentaristas alemães e ingleses antigos e modernos assumem um sentido equivocado da passagem. Eles traduzem o texto da seguinte forma: “Todos não dormiremos”, indicando assim que “o sentido literal seria, *não morreremos todos*”. Hodge destaca que “Paulo certamente não quis assegurar aos coríntios que foi-lhe revelado que nenhum deles morreria”. Cf. HODGE, *1&2 Corinthians*, p. 354. Donald Guthrie diz que, “embora gramaticalmente possa ser entendido como se significasse ‘nenhum de nós dormirá’, trata-se de uma afirmação falsa”. Cf. GUTHRIE, *Transformation and Parousia*, p. 45. Geerhardus Vos diz que a interpretação mais plausível “assume uma transposição da negação οὐ. πάντες οὐ é entendido como idêntico a οὐ πάντες”. Cf. VOS, Geerhardus. *The Pauline Eschatology*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1994, p. 212.

³⁸ MOULTON, *Léxico grego analítico*, p. 247.

³⁹ GUTHRIE, *Transformation and Parousia*, p. 45.

“Ou morrendo por um tempo, ou por alguma outra obra de Deus, seus corpos naturais e corruptíveis serão transformados em corpos espirituais, não sujeitos à corrupção”.⁴⁰ Fica claro, então, que são duas coisas distintas: ressurreição e transformação. Apesar disso, o resultado de ambas é o mesmo: a glorificação.

Atente-se ainda para a palavra usada pelo apóstolo Paulo para falar da transformação. O termo grego ἀλλάσσω, foi usado pela primeira vez por Êsquilo com o sentido de “fazer algo cessar e outro tomar o seu lugar”.⁴¹ No caso, a transformação consiste em que, de acordo com o versículo 53, a incorruptibilidade toma o lugar da corruptibilidade, e a imortalidade o lugar da mortalidade. Todas as fraquezas decorrentes da Queda cessam e dão lugar à perfeição. Coisas como enfermidades, velhice e morte serão exterminadas das vidas daqueles que forem alvos da transformação. Pode-se dizer até que os efeitos peculiares da Segunda Lei da Termodinâmica não encontrarão mais lugar no corpo glorificado dos santos.⁴² Não haverá mais desgaste, nem perda de energia.

Detalhe adicional interessante aparece no versículo 52: “num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”. Entende-se, com isso, que a transformação será instantânea, pontual. Não se dará por meio de um processo. Paulo afirma que a transformação será ἐν ᾠτόμῳ. A palavra usada é “átomo”, a menor partícula, algo que é indivisível. A ideia transmitida pelo apóstolo é que a transformação ocorrerá “em uma porção de tempo tão curta que será incapaz de divisão posterior”.⁴³ A transformação também se dará “num abrir e fechar de olhos”, literalmente, “num rápido movimento dos olhos”, o que dá a ideia de uma fração de segundo, algo extremamente rápido. “Em tão breve momento o milagre da transformação ocorrerá tanto para aqueles que se levantam dentre os mortos como para aqueles que estão vivos”.⁴⁴

Paulo também faz referência à ocasião em que se dará essa transformação instantânea: “ao ressoar da última trombeta” (v. 52), o que é uma clara alusão à Parousia em si, visto que a imagem da trombeta está intimamente associada com “o último dia”.⁴⁵ A mesma ideia aparece em 1 Tessalonicenses 4.13-18, onde Paulo escreve sobre o retorno do Senhor. No versículo 16 ele associa esse

⁴⁰ POOLE, Matthew. *A Commentary on the Holy Bible: Matthew-Revelation*, v. 3. Peabody, MA: Hendrickson, 2010, p. 598.

⁴¹ *Thayer's Greek Lexicon*. In: BIBLEWORKS 7.0.

⁴² A Segunda Lei da Termodinâmica, ou Lei da Entropia, postula que “um sistema fechado continuamente aumenta sua entropia, ou quantidade de desordem”. Cf. BYL, John. *Deus e cosmos: Um conceito cristão do tempo, do espaço e do universo*. São Paulo: PES, 2003, p. 140.

⁴³ HODGE, *1&2 Corinthians*, p. 356.

⁴⁴ KISTEMAKER, *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*, p. 808.

⁴⁵ HODGE, *1&2 Corinthians*, p. 356.

retorno com o ressoar da “trombeta de Deus”. Gordon D. Fee faz um valioso comentário sobre essa expressão em 1Coríntios 15.52:

O que marca a Parousia é o ressoar da última trombeta, uma imagem que foi tomada pela noção judaica profético-apocalíptica em uma variedade de sentidos para anunciar o Escaton: soar como o grito da última batalha (Jr 51.27), alertar sobre a aproximação do dia do julgamento (Jl 2.1), anunciar a vinda do Senhor (Zc 9.14), convocar dos quatro cantos o povo de Deus (Is 27.13). Visto que tal imagem é comum para anunciar o Fim, ela pode carregar qualquer carga metafórica.⁴⁶

Em Filipenses 3.20-21, o apóstolo Paulo também associa a “transformação do nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória” com a vinda do Senhor Jesus.

O final do versículo 52 apresenta o que acontecerá quando a última trombeta ressoar: “A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”. Os mortos ressuscitarão da maneira descrita nos versos 42 e 43: incorruptíveis, gloriosos e poderosos. Já aqueles que estiverem vivos serão instantaneamente transformados sem necessidade de experimentar a morte física.

2.2 2Coríntios 5.1-5

Essa passagem tem sido alvo de ampla discussão. De acordo com C. K. Barret, trata-se de uma passagem “notoriamente difícil”.⁴⁷ Alguns comentaristas veem uma mudança na visão de Paulo sobre o que ocorre por ocasião da morte. Por exemplo, o erudito do Novo Testamento F. F. Bruce afirma que em 2Coríntios pode ser percebida uma mudança de perspectiva no pensamento do apóstolo Paulo. Tal mudança seria decorrente das profundas experiências que o apóstolo teve durante o intervalo de tempo entre as duas cartas canônicas aos coríntios. Eis suas palavras:

É quando chegamos a 2Coríntios que percebemos uma mudança de perspectiva da parte de Paulo. Provavelmente não mais do que um ano separavam [sic] as duas cartas, mas as experiências desse ano afetaram Paulo profundamente. Além das “lutas por fora, temores por dentro” a que ele faz referência em 2Coríntios 7.5, houve um perigo especialmente sério que o ameaçou na Ásia proconsular, para o qual ele não viu escapatória, apenas a morte. Enfrentar a morte não era algo novo para Paulo: “Dia após dia, morro!”, ele podia dizer alguns meses

⁴⁶ FEE, *The First Epistle to the Corinthians*, p. 801-802. Concordam com essa associação os estudiosos Roy E. Ciampa e Brian S. Rosner. De acordo com eles, “a trombeta como um sinal do dia do Senhor em 15.52 lembra Is 27.13; Jl 2.1; Zc 1.14-16”. Cf. BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Eds.). *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2007, p. 747.

⁴⁷ BARRET, C. K. *The Second Epistle to the Corinthians*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1997, p. 150.

antes de essa tribulação lhe sobrevir (1Co 15.31). Mas nesta ocasião ele se sentiu como alguém que recebeu a sentença de morte. Nas ocasiões anteriores a via de escape se apresentara junto com o perigo, mas desta vez ele não viu nenhuma saída, de modo que, quando, finalmente, contra toda expectativa, a saída apareceu, Paulo a recebeu como praticamente uma ressurreição [...] Sejam quais forem as outras mudanças que essa experiência causou em suas posições, sua perspectiva sobre a morte e a ressurreição modificou.⁴⁸

De acordo com Bruce, tal experiência obrigou Paulo a considerar “qual seria seu estado existencial entre a morte e a parusia”, fazendo com que ele enxergasse que “é necessário receber algum novo tipo de corpo na hora da morte – e ele tem certeza de que é isso que nos espera”.⁴⁹ Então, no pensamento de F. F. Bruce, o assunto do apóstolo Paulo em 2Coríntios 5.1-5 é o estado intermediário, mais especificamente a hipótese da possessão de um corpo no período que se estende da morte até à ressurreição. Charles Hodge tem o mesmo entendimento. Comentando a referida passagem, ele diz que “o apóstolo expressa a segurança de que um estado de existência bem-aventurada espera por ele após a morte”.⁵⁰

Já Geerhardus Vos entende que 2Coríntios 5.1-5 é uma das quatro passagens que “lidam com o destino e a experiência dos crentes encontrados vivos na Parousia”.⁵¹ De acordo com ele, essa passagem “contém a figura do *ἑπενδύσασθαι*’ pelo crente do corpo celestial sobre o corpo terreno, cujo resultado é que o que é mortal (isto é, o corpo terreno) é absorvido pela vida”.⁵² Paulo não estaria falando nem de ressurreição nem de estado intermediário. O estudioso John W. Cooper resume as duas interpretações como segue:

Existem duas interpretações possíveis da seção que se refere à ressurreição. A primeira opinião é que Paulo contrasta a vida no corpo terreno, o que todos concordam que está simbolizado por “casa terrestre” (vv. 1,4), com a imediata aquisição de um corpo ressureto – o “temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus” (v. 1), “sermos revestidos da nossa habitação celestial” (vv. 2,4). Assim, Paulo rejeita por completo uma condição intermediária de estar “nus” (v. 3) ou “despidos” (v. 4), que os estudiosos reconhecem significar existência desencarnada. De acordo com a outra possibilidade, Paulo está dizendo que o período de desincorporação é apenas temporário e não é tão desejável como a ressurreição do corpo, talvez como uma precaução em relação àqueles que anseiam pela existência desencarnada.⁵³

⁴⁸ BRUCE, F. F. *Paulo, o apóstolo da graça: sua vida, cartas e teologia*. São Paulo: Shedd, 2008, p. 301-302.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 302.

⁵⁰ HODGE, *1&2 Corinthians*, p. 483.

⁵¹ VOS, *The Pauline Eschatology*, p. 207.

⁵² *Ibid.*

⁵³ COOPER, *Body, Soul & Life Everlasting*, p. 142.

Existem elementos suficientes no texto que indicam que a segunda posição é a preferível. A fraseologia paulina nesse texto recorda 1Coríntios 15.50-54. Paulo fala de um corpo sendo absorvido pelo outro, do corpo terreno sendo revestido pelo celestial, do mortal sendo absorvido pela vida. A colocação de Vos é interessante:

A peculiaridade dessa representação é que ela começa com o novo corpo e faz com que o outro corpo seja absorvido pelo primeiro, mas, pelos termos da figura neste modo particular do processo, está, naturalmente, limitado àqueles que serão encontrados vivos na Parousia; os outros serão apenas “vestidos”, não “revestidos”.⁵⁴

No versículo 1, o apóstolo Paulo fala sobre uma certeza que acompanhava os filhos de Deus: “Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Com isso, parece que o apóstolo assume que os problemas abordados em 1Coríntios 15 foram solucionados. Havia uma certeza agora. A metáfora do tabernáculo que se desfará diz respeito ao fim não do corpo em si, mas da presente existência terrena. A palavra ἐπίγειος, traduzida como “terrestre” contrasta com a expressão ἐν τοῖς οὐρανοῖς, que significa “nos céus” e faz referência àquilo que é celestial.

Deve-se salientar ainda que grande parte do debate em torno dessa passagem gira em torno do indicativo presente ἔχομεν (“temos”). Há quem argumente que isso ensina a existência de um corpo ressurreto transitório. Não obstante, tal entendimento é equivocado. Simon Kistemaker é de grande auxílio nesse ponto:

Se existe um contraste entre a tenda terrena e a casa no céu, por que Paulo escreve com o presente do verbo (“temos”)? A resposta é que os escritores do Novo Testamento frequentemente colocavam um presente com sentido futuro que é determinado pelo contexto. Um exemplo está na narrativa do Getsêmani onde, antes de ser preso, Jesus diz: “O Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores” (Mt 26.45). Assim, como Jesus sabia como estava próxima a traição, assim Paulo sabia com certeza absoluta que um lar celeste o aguardava.⁵⁵

Soma-se a isso o fato de que as Escrituras ensinam de modo categórico que os santos que já morreram têm o seu corpo depositado no pó e o seu

⁵⁴ VOS, *The Pauline Eschatology*, p. 207.

⁵⁵ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 2Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 237-238. Herman Ridderbos diz o seguinte: “Assim, o ‘temos’ possui um significado antecipatório, e pode ser entendido também como tendo algo que é dado nos céus, uma dádiva que foi preparada e ocultada para eles lá e na qual, na manifestação de Cristo, os crentes também serão manifestos”. Cf. RIDDERBOS, Herman. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 563.

espírito retornado para o Senhor (Ec 12.7 e Hb 12.23). Elas silenciam a respeito de qualquer corpo ressurreto transitório.

Quando Paulo fala de uma habitação celestial, ele tem em mente “uma sólida estrutura para ser possuída e usada eternamente no céu”.⁵⁶ Um tabernáculo terreno é inapropriado para habitar eternamente nos lugares celestiais. O apóstolo comunica a certeza e a convicção de que quando o seu corpo terreno se desfizer, seguramente ele possui, da parte de Deus, algo apropriado para habitar eternamente nos céus.

Também é evidente na passagem que Paulo não está falando do que acontecerá após a ressurreição. Ele tem em mente a transformação pela qual os justos passarão quando o Senhor retornar. Os versículos 2 e 4 apresentam o anseio do apóstolo pela gloriosa transformação:

E, por isso, neste tabernáculo, gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial [...] Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.

Deve-se perceber que o desejo do apóstolo Paulo é por ser “revestido” (ἐπειδύσασθαι). Esse termo “*transmite a ideia de se pôr uma roupa a mais, mais ou menos como usar um sobretudo*”.⁵⁷ Ele possui como extensão a afirmação apostólica no versículo 3: “se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus”. O verbo grego ἐνδύω significa “vestir-se, ser vestido”.⁵⁸ Kistemaker entende que o versículo 3 é um “comentário parentético de apoio”.⁵⁹ Dessa forma, entende-se que Paulo está ansiando pela volta de Cristo, quando o seu corpo terreno, estando vestido, isto é, vivo, se revestirá de um corpo celestial.

⁵⁶ VOS, *The Pauline Eschatology*, p. 208.

⁵⁷ KISTEMAKER, *Comentário do Novo Testamento: 2Coríntios*, p. 241. Ênfase acrescentada.

⁵⁸ MOULTON, *Léxico grego analítico*, p. 147. Há uma variante textual no versículo em questão. Alguns poucos manuscritos (D e a família f) trazem a redação ἐκδυσάμενοι, que significa “estando despídos”. Porém, a grande maioria de bons manuscritos (P⁴⁶, **Ν**, B, C, D², ψ, 0243, 33, 1739, 1881, **ℱ**) trazem a redação ἐνδυσάμενοι, que é corretamente traduzida como “estando vestidos”. Cf. BIBLIA SACRA UTRISQUE TESTAMENTI: Editio Hebraica et Graeca. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2001, p. 479. Roger L. Omanson afirma que “as traduções modernas não são unânimes, sendo que umas preferem ἐκδυσάμενοι (NRSV, NAB), ao passo que outras optam por ἐνδυσάμενοι (ARA, RSV, REB, TEV, NTLH, NVI, NBJ, TEB, CNBB, FC, Seg)”. Cf. OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 369. A redação ἐνδυσάμενοι é a preferível, levando-se em conta tanto a evidência externa quanto a evidência interna, visto que ela se harmoniza melhor com o contexto. Bruce M. Metzger diz que “em vista de o apoio externo ser superior, deve-se adotar a leitura ἐνδυσάμενοι; a leitura ἐκδυσάμενοι é uma alteração antiga que busca evitar a aparente tautologia”. Cf. METZGER, Bruce M. *Un Comentario Textual Al Nuevo Testamento Griego*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p. 507.

⁵⁹ KISTEMAKER, *Comentário do Novo Testamento: 2Coríntios*, p. 243.

Ao afirmar que não desejava “ser despido” Paulo faz uso de uma metáfora para falar que não desejava morrer. Seu grande desejo era o de “ser revestido”, ou seja, o de ter o seu corpo terreno, mortal e corruptível transformado instantaneamente no corpo celestial, imortal e incorruptível. Herman Ridderbos é de grande auxílio nesse ponto:

“Ser despidos” (v. 4) não significa, portanto, simplesmente “ser desprovidos de um corpo”, como uma denotação antropológica (grega!), mas sim, ser entregue à morte no sentido inclusivo da palavra. Por outro lado, “ser encontrados vestidos e não nus” e “ser revestidos” (vs. 2-4) significa não apenas não ser desprovido de corpo, mas também compartilhar a plenitude da glória de Deus, sem dúvida pelo fato de haver recebido o novo “corpo” glorificado.⁶⁰

3. A NECESSIDADE DA TRANSFORMAÇÃO

À luz das passagens analisadas anteriormente é possível compreender a absoluta necessidade da transformação radical, não apenas daqueles que ressuscitarão, mas também dos que estiverem vivos para testemunhar o retorno de Jesus Cristo.

Paulo fala dessa necessidade de forma explícita em 1 Coríntios 15.50,53-54:

Isto afirmo, irmãos, que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus; nem a corrupção herdar a incorrupção [...] Porque *é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade; e que o corpo mortal se revista da imortalidade.*

Visto que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, o crente necessita ser transformado a fim de estar apto para as plenas condições da sua existência futura. Em razão de corrupção e incorrupção serem mutuamente excludentes, o crente necessita ser equalizado à incorrupção. Stephen J. Bedard afirma o seguinte:

Paulo vê toda carne, viva ou morta, como corrupção, não necessariamente em um sentido moral, mas, em vez disso, porque um corpo não está preparado para a eternidade até que experimente a transformação. De certa forma, não é importante determinar a precisa intenção de Paulo nessa frase, visto que ele acredita que existe uma experiência futura de transformação tanto para os cristãos vivos como para os mortos.⁶¹

O teólogo holandês Herman Witsius pontua de forma magistral:

⁶⁰ RIDDERBOS, *A teologia do apóstolo Paulo*, p. 565.

⁶¹ BEDARD, Stephen J. *Transformation and Victory: The Resurrection Message of 1 Corinthians 15*, p. 2. Disponível em: <http://www.biblicaltheology.com/Research/BedardS02.pdf>. Acesso em: 26 set. 2013.

Nossos corpos, em seu estado atual, animais, mortais, corruptíveis, não estão adaptados para desfrutar da vida celestial com a qual Deus determinou abençoar o seu povo: em parte porque tais corpos são incapazes de suportar o peso de uma tão grande felicidade, e em parte porque é muito grande a dissimilaridade entre eles em seu estado terreno, sujeitos às enfermidades naturais, e as mansões celestiais, de maneira que um não pode se adequar ao outro. Para que nada falte à felicidade destinada por Deus ao seu povo, ele determinou que o nosso corpo deve passar por uma mudança, em relação às qualidades referidas pela designação “carne e sangue”.⁶²

O fato é que o corpo terreno é completamente inapropriado para encontrar-se com o Senhor e com ele morar. Enquanto não passar pela transformação, o corpo permanecerá perecível, mortal e sujeito à corrupção. A vida futura é caracterizada por imperecibilidade, imortalidade e incorrupção. Para poder desfrutar dessas características, uma transformação radical necessita acontecer. Charles Hodge discorre sobre essa necessidade como segue:

Parece haver três coisas claramente implícitas ou asseveradas nessas passagens: (1) Que o corpo dos homens tem de ser adequado especialmente ao estado de existência no qual deve viver e agir. (2) Que nosso corpo atual, ou seja, nosso corpo tal como é agora organizado, não está adaptado ao nosso futuro estado de existência. (3) Que tudo na organização ou constituição de nosso corpo designado para suprir nossas atuais necessidades cessará com a vida que é agora.⁶³

4. A NATUREZA DA TRANSFORMAÇÃO

É pertinente a advertência de Donald Guthrie: “É quando entramos na discussão acerca da natureza da transformação que nós somos confrontados com a especulação. Gostaríamos de saber mais do que está revelado”.⁶⁴ Apesar disso, os dados bíblicos levantados até aqui são suficientes para fornecerem o entendimento acerca da natureza da transformação pela qual passarão, especificamente, os que estiverem vivos durante o retorno de Cristo. Tais dados são suficientes para enumerar alguns princípios gerais.

4.1 Um aperfeiçoamento

A transformação terá como caráter o aperfeiçoamento absoluto dos santos, tanto dos que ressuscitarem como daqueles que estiverem vivos. Tudo aquilo que é característico da humanidade pós-queda, da humanidade no seu estado atual, cessará. Todas as limitações, imperfeições e fraquezas existentes serão

⁶² WITSIUS, Herman. *Sacred Dissertations on the Apostles Creed*, v. 2. Grand Rapids, MI: Reformation Heritage Books, 2010, p. 432.

⁶³ HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 1594.

⁶⁴ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 47.

removidas e a humanidade em sua inteireza, corpo e alma será elevada a um nível superior, uma existência glorificada. A transformação como aperfeiçoamento também pode ser apreendida a partir de Filipenses 3.20,21:

Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, *segundo a eficácia do poder que ele tem* de até subordinar a si todas as coisas.

O corpo de humilhação será transformado em um corpo glorioso. Visto que a transformação ocorrerá segundo a eficácia do poder de Deus, ou seja, de acordo com a onipotência divina, segue-se que o crente será conduzido a um estado de perfeição física, moral e espiritual.

4.2 Um revestimento

Tanto 1Coríntios 15.51-54 quanto 2Coríntios 5.1-5 falam sobre ser “revestido”. Já ficou estabelecido que a ideia dessa afirmação é a “de se pôr uma roupa a mais, mais ou menos como usar um sobretudo”.⁶⁵ Na transformação, o indivíduo terá o “seu corpo celestial vestido por cima do seu corpo atual”.⁶⁶ Esse revestimento consistirá no acréscimo daquilo que é imperecível, imortal e incorruptível à nossa natureza humana, o que conduz ao próximo ponto.

4.3 Uma nova caracterização

Por ocasião da transformação o indivíduo passará a gozar de novas características. Em primeiro lugar, a imortalidade tomará o lugar da mortalidade. Robert L. Reymond diz o seguinte:

A imortalidade será, então, introduzida ou pela ressurreição corporal ou pela transformação do corpo. Para o crente, o Eschaton final envolverá ou ser ressuscitado dos mortos ou ser transformado, enquanto vivo, para a incorrupção. Em ambos os casos, isso envolverá a recepção de um corpo imortal e um glorioso estado de eternidade e glória com e na presença do Senhor.⁶⁷

Nos textos bíblicos analisados ficou claro que o apóstolo Paulo diverge da visão grega a respeito do corpo como sendo “uma severa restrição”.⁶⁸ Os

⁶⁵ KISTEMAKER, *Comentário do Novo Testamento: 2Coríntios*, p. 241.

⁶⁶ WEIGELT, H. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, v. 2, p. 2640.

⁶⁷ REYMOND, Robert L. *A New Systematic Theology of the Christian Faith*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1998, p. 1019.

⁶⁸ GUTHRIE, *Transformation and Parousia*, p. 48.

gregos, seguindo o pensamento de Platão,⁶⁹ viam o corpo como a prisão da alma, algo inerentemente mau. Para eles, a morte funcionava como a libertação da alma da sua prisão. Brian Walsh e J. Richard Middleton expõem o pensamento platônico da seguinte forma:

Em seu livro *Phaedo*, Platão fala sobre a relação do corpo com a alma. Dois mundos existem dentro da pessoa humana, diz ele. “A alma é semelhante ao divino, *o imortal*, o inteligível, o uniforme, *o indissolúvel*, o imutável; enquanto o corpo é semelhante ao humano, *o mortal*, incompreensível, multiforme, *dissolúvel* e mutável”. O corpo é a prisão da alma; ele corrompe a alma e inibe a habilidade da alma de conhecer o divino. Portanto, a alma anseia por ser liberta de seu cativeiro no corpo.⁷⁰

Em relação ao corpo, para os gregos “não havia lugar para transformação, pois uma alma inerentemente mortal, uma vez livre do corpo, não necessitaria de uma transformação posterior”.⁷¹ Todavia, o apóstolo Paulo ensina de forma clara sobre o crente que morre e sobre aquele que estará vivo como recebendo a imortalidade por ocasião da Parousia.

A segunda característica do ser humano transformado será a imperecibilidade. De acordo com Guthrie, “existe pouca diferença do primeiro componente”.⁷² Não obstante, ao falar da imperecibilidade ou incorruptibilidade, o apóstolo Paulo tem em mente o caráter imutável do corpo transformado. Por ocasião da transformação, o corpo glorificado estará além de toda e qualquer possibilidade de decadência e deterioração. Wayne Grudem explica:

O fato de que o nosso corpo será “incorruptível” significa que ele não se desgastará, não envelhecerá e não estará sujeito a nenhuma enfermidade ou doença. Será para sempre um corpo plenamente saudável e forte. Além disso, visto que o envelhecimento gradual faz parte do processo pelo qual o nosso corpo está agora sujeito à “corrupção”, é certo pensar que o corpo da ressurreição não terá sinais de envelhecimento, mas terá perpetuamente as características da juventude acompanhadas de maturidade como homens e mulheres. Não haverá sinal de doença nem de dor, pois todos seremos perfeitos. O nosso corpo ressurreto

⁶⁹ De acordo com Ronald Nash, a filosofia de Platão é marcada por três tipos de dualismo: metafísico, epistemológico e antropológico. Sobre este último, Nash diz o seguinte: “O dualismo antropológico de Platão é aparente na sua distinção radical entre corpo e alma. Assim como há dois mundos (o mundo das coisas físicas particulares e o mundo das formas) e duas maneiras de apreender tais mundos (sensação e razão), assim também os seres humanos são compostos de duas partes (corpo e alma). Cf. NASH, Ronald. *Questões últimas da vida: uma introdução à filosofia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 66-67.

⁷⁰ WALSH, Brian J.; MIDDLETON, J. Richard. *A visão transformadora: moldando uma cosmologia cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 94. Ênfase acrescentada.

⁷¹ GUTHRIE, Transformation and Parousia, p. 48.

⁷² Ibid.

mostrará o cumprimento da plena sabedoria de Deus ao criar-nos como seres humanos, ápice de sua criação, portadores adequados de sua imagem e semelhança. Nesse corpo ressurreto veremos o que Deus pretendia que fôssemos enquanto seres humanos.⁷³

O fato é que a transformação pela qual passarão tanto os justos que ressuscitarem como aqueles que testemunharão o retorno de Cristo removerá todos os traços de imperfeição, desonra, corrupção e decadência aos quais os santos estão sujeitos em sua presente condição.

CONCLUSÃO

O presente trabalho abordou um aspecto da glorificação que não tem recebido tanta ênfase, seja na academia seja no ambiente eclesiástico. Ao se falar sobre a glorificação, a ênfase normalmente recai sobre a ressurreição dos mortos em detrimento da transformação pela qual passarão os que não tiverem “dormido”. O arrazoado feito até aqui demonstrou que a crença numa transformação, num revestimento, não é originária no Novo Testamento. Antes, está profundamente enraizada no Antigo Testamento, fazendo parte da convicção geral judaica no período intertestamentário.

A transformação ensinada explicitamente pelo apóstolo Paulo em 1Coríntios 15.50-54 e em 2Coríntios 5.1-5 constituir-se-á num evento extraordinário e maravilhoso. Ambas, ressurreição e transformação, significarão a morte da morte. Ao revestir o corpo, instantaneamente, com imortalidade, incorruptibilidade e glória, o Senhor “cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória” (1Co 15.54). Os santos, por sua vez, unir-se-ão ao apóstolo Paulo, e cantarão: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo” (vv. 55-57).

ABSTRACT

This article addresses what will occur to those who will be alive at the time of Jesus Christ's Second Coming. There is much discussion about the nature of the transformation that will take place in the lives of the redeemed who will not be liable to resurrection, since they will not experience death during the Parousia. Initially, the author considers the Old Testament idea of a future transformation. He also pays attention to the intertestamental period, in which one sees no common doctrine about the subject. Then he proceeds to analyze the New Testament texts, with special emphasis on the Pauline passages of

⁷³ GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 698.

1 Corinthians 15.50-54 and 2 Corinthians 5.1-5. Jesus' transfiguration is also considered since it can serve as a proleptic manifestation of the transformation that the saved will undergo in the future. After analyzing the passages, the article discusses the need for and the nature of such transformation.

KEYWORDS

Eschatology; Parousia; Glorification; Transformation; Clothing; Transfiguration; Perfecting.